

## AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS FORMATIVOS: ARTICULAÇÕES ENTRE ONGS E A EDUCAÇÃO FORMAL

Lucineide Fernandes Moraes  
Técnico em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
neide@me.ufrj.br

Wania Gonzalez  
Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Educação da Estácio e professora  
adjunta Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ/FEBF,  
waniagonzalez@gmail.com

Elaine Rodrigues de Ávila  
Professora de História da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro  
elainea-advogada73@bol.com.br

### Resumo

O conceito amplo de educação reporta ao entendimento de que os processos formativos podem acontecer dentro e fora do ambiente escolar. A Educação Formal, a Educação Não Formal e a Educação Informal são modalidades educativas que o indivíduo pode vivenciar ao longo da vida, em experiências nas escolas e não escolares. O artigo apresenta a análise de entrevistas realizadas em duas organizações não governamentais do Rio de Janeiro que objetivou perceber os limites e as possibilidades da interpenetração dos espaços formativos direcionados à formação de nova cultura política das pessoas envolvidas. À luz das considerações de Maria Gohn (2010, 2011, 2013), José Libâneo (2010, 2011) e Jaume Trilla (2008), as seguintes questões orientaram o olhar analítico do material coletado: 1) Quais as atividades educativas desenvolvidas pelas ONGs?; 2) Quais as “interações funcionais” de educação formal com a educação não formal a partir das ações educativas das ONGs? Após a análise, percebemos as “interações funcionais”, em relações de reforço e complementariedade entre as atividades escolares e as ações educativas das ONGs, o que possibilitou potencializar a formação cidadã dos indivíduos participantes.

**Palavras-Chave:** Educação Formal, Educação Não Formal, Interações Funcionais

### Introdução

Ao longo de sua vida, uma pessoa vivencia diversos processos educacionais que contribuem para o entendimento da importância de seu papel como cidadão ativo na sociedade. Dessa forma, reconhece-se que a formação humana<sup>1</sup> acontece não só no ambiente escolar, como também em espaços como ONGS, museus, centros culturais e no próprio convívio familiar. Assim, compartilhando de um conceito amplo, a Educação pode ser dividida em três modalidades: Educação Formal, Educação Não Formal e Educação Informal.

Os estudos sobre essa tripartição educacional conquistaram mais atenção a partir das pesquisas de Coombs e Ahmed nos anos de 1960, que popularizaram o pensamento de que a educação pode acontecer além dos muros escola. No Brasil, autores como Gohn (2010, 2011)

---

<sup>1</sup> Adota-se a concepção de Saviani (2010, p.431) ao conceber “o processo de formação humana como contínuo movimento de apropriação das objetivações humanas produzidas ao longo da história”.

e Libâneo (2010, 2011) reforçam em seus trabalhos que as ações educativas intencionais não só ocorrem nas escolas e universidades, como também em espaços de responsabilidades de organizações do Terceiro Setor, como ONGs e Fundações.

Contudo, como bem destacam os autores, essa divisão não representa considerar as modalidades educativas de modo isolado ou único. A Educação Formal, a Não Formal e a Informal devem interagir para uma formação mais ampla do indivíduo em relações que podem ser, por exemplo, de complementação e reforço. Segundo Trilla (2008), é necessário perceber as “interações funcionais” e as “intromissões mútuas” de cada uma, entendendo que nenhuma ação educativa é totalmente formal ou não formal. Para Gohn (2010, 2011), em uma dimensão política, quando a educação formal se relaciona com a nãoformal, abre-se a possibilidade de potencializar as atividades escolares em direção de uma formação cidadã buscando a composição de uma nova cultura política.

A partir dessas considerações sobre o conceito amplo de Educação, o artigo apresenta a análise de entrevistas semiestruturadas realizadas com os responsáveis das ações educativas de duas organizações do Terceiro Setor no Rio de Janeiro que desenvolvem atividades com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. O objetivo do texto é analisar os limites e as possibilidades da interpenetração dos espaços educativos na formação de uma nova cultura política<sup>2</sup> dos indivíduos envolvidos. Duas questões nortearam a análise do material coletado: 1) Quais as atividades educativas desenvolvidas pelas ONGs?; 2) Quais as “interações funcionais” de educação formal com a educação não formal a partir das ações educativas das ONGs?. O artigo é composto por duas seções: na primeira, “O conceito amplo de educação e as modalidades educativas”, em que apresentamos o conceito educação formal, educação não formal e educação informal, destacando a partir dos estudos de Gohn (2010, 2011) Libâneo (2010) e Trilla (2008), as formas com que cada uma se relaciona; na segunda, “As ONGs e suas atividades educativas”, onde identificamos as organizações do Terceiro Setor pesquisadas e apresentamos os resultados da análise das entrevistas.

### **O conceito amplo de educação e as modalidades educativas**

Historicamente, podemos afirmar que a noção de educação nem sempre esteve associada à escola. As práticas educativas existiam “[...] primeiro sem escolas, salas, professores e métodos pedagógicos” (BRANDÃO, 1995, p. 10). Assim, para assumir uma

---

<sup>2</sup>Adota-se as reflexões de Gohn quando a autora menciona que essa nova cultura política que se deseja incentivar rompe com práticas autoritárias e incentiva a participação política na conquista de direitos.

perspectiva ampliada de educação, implica em reconhecer que os espaços nos quais se realiza o processo educacional não se restringem à escola. O entendimento da educação como um processo amplo e abrangente e a importância de se proporcionar diferentes modalidades educativas nas práticas sociais, como forma de contornar a hegemonia da forma escolar, permitiu a emergência de modalidades educativas referidas como educação formal, não formal e informal. Desse modo, podemos identificar três modalidades educacionais: educação formal, educação não formal e educação informal.

O artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) ao preceituar que “A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996), nos reporta para essa visão ampla. Assim, as ações educativas compreendem as atividades da educação formal (escola e universidades), da educação não formal (movimentos sociais e organizações não governamentais) e da educação informal (no dia a dia do indivíduo, como família e trabalho). A partir dessas considerações iniciais, vamos dialogar nesse artigo com três autores que consideram a divisão da Educação nessas três modalidades: Gohn (2010, 2011), Libâneo (2010, 2011) e Trilla (2008).

Em uma dimensão política, na perspectiva da formação de uma nova cultura política, Gohn (2010, 2011) faz diferenciações sobre as três modalidades educacionais. Segundo a autora, a educação formal apresenta característica como: as ações acontecem em escolas e universidades; os níveis estão previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação; os conteúdos são sistematizados; existem certificações ao final de cada etapa; os professores possuem habilitação específica para suas atividades.

Em relação à educação não formal, Gohn (2010, 2011) a caracteriza a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos, uma educação com intencionalidade voltada à cidadania. A educação não formal vincula-se ao campo da educação cidadã, sempre articulado com a democratização do conhecimento na formação de indivíduos participativos das ações coletivas. Entre outros pontos, essa modalidade apresenta características como: desenvolvida em espaços como fundações, ONGs e museus; variedades de metodologias; as atividades são conduzidas por educadores sociais que não precisam ser professores; nem sempre há uma certificação ao final de uma etapa. Para Gohn (2010, p.32), a educação não formal é um processo “sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a

cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade”.

Gohn (2013, p.12-15) entende que a educação não formal aponta para uma possibilidade de resolução e potencialização da educação formal, na direção de uma formação cidadã mais completa. Assim, há um espaço para o surgimento de uma nova cultura política, na medida em que se ofertam aos indivíduos novas ações educativas que reforçam as ideias de participação e de importância dele no contexto social em que vivem. Por isso, a autora ressalta a importância da percepção por parte dos gestores públicos das possibilidades de “articulação do formal com o não formal”.

A autora diz também sobre a educação informal, modalidade que acontece de forma espontânea em atividades do cotidiano de uma pessoa como o trabalho e entre amigos. Não há uma intencionalidade específica, do mesmo modo que ocorre na educação formal e na educação não formal. Existe na verdade a ideia de socialização do indivíduo, em processos que permeiam toda sua vida (GOHN, 2010, 2011).

Outro autor que considera essa tripartição do conceito de Educação é Libâneo (2010, 2011), que observa essa divisão a partir da intencionalidade das ações desenvolvidas verificando questões como: os indivíduos a que está direcionada e as motivações de sua realização. Desse modo, para o autor há: a Educação Intencional, em que estão a educação formal (acontece nas escolas e universidades, de forma sistematizada e com forte intencionalidade) e a educação não formal (em espaços como museus e centros culturais; é menos sistematizada e com menor grau de intencionalidade); a Educação Não Intencional, onde está a educação informal (processos formativos ligados as vivências de um indivíduo).

Contribuindo para essa discussão, Trilla (2008), afirma que a educação é vista como essencial a toda a sociedade e a escola é apenas uma de suas formas. Mesmo assim, nas sociedades escolarizadas, essa instituição é apenas um momento do processo educacional global. Para o autor, a estrutura educacional impõe limites. A escola não está apta para todo tipo de objetivo educacional. Há, portanto, necessidade de se criar meios e ambientes educacionais complementares àquela que passa a ser denominada de “não formal”.

Assim, como Gohn (2010, 2011) e Libâneo (2010, 2011), Trilla (2008) reforça a importância de perceber as relações entre educação formal, educação não formal e educação informal, pois estas podem contribuir para uma formação mais completa dos indivíduos envolvidos nos processos educativos. O autor cita dois modos de inter-relações dos espaços formativos: o primeiro, as “interações funcionais”,

vinculadas aos efeitos das ações conjuntas das modalidades, destacando que podem aparecer relações de complementariedade, de suplência, de reforço e colaboração, de interferência ou contradição; o segundo, as “intromissões mútuas”, conectadas a ideia de que as modalidades não são campos isolados, ou seja, não há uma metodologia ou procedimento totalmente formal ou não formal, devendo existir uma troca para capaz de potencializar cada atividade desenvolvida.

### **As ONGs e suas atividades educativas**

Atualmente, organizações do Terceiro Setor, como ONGs, vêm atuando nas mais diversas áreas de conhecimento, desenvolvendo ações educativas em espaços não formais de ensino. Segundo Montaño (2005), esse setor compartilha diversas organizações da sociedade civil, indo desde instituições públicas não estatais até o empresariado. O autor destaca que em um contexto neoliberal, a inserção desse setor na área social representa um novo trato a questão social, em que se transfere para a própria sociedade atividades que antes eram responsabilidade do Estado.

Na direção de compreender como as ações educativas de organizações do Terceiro Setor relacionam-se as atividades da educação formal, um grupo de pesquisa em pós-graduação em políticas e gestão educacional da UNESA desenvolve uma pesquisa Políticas Educacionais e as relações entre os diferentes espaços formativos na qual são discutidas as potencialidades de articulação entre os espaços formais de educação com os espaços não formais, com suas implicações na educação profissional e na formação cidadã de jovens carentes e em vulnerabilidade social. Nos últimos dois anos, os integrantes desse grupo têm realizado entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pelo setor educacional de organizações do Terceiro Setor no Estado do Rio de Janeiro, a fim de identificar as atividades educativas que ocorrem nesses espaços e de que modo elas estão relacionadas com as escolas.

Esse artigo traz uma análise de entrevistas realizadas entre 2016 e 2017 e de informações disponibilizada na internet de duas organizações localizadas na zona norte do Rio de Janeiro: Instituto Bola Pra Frente; Obra Social Antonio de Aquino. O material foi analisado a partir das considerações de Turato (2003), o que nos reportou, inicialmente, a fazer uma leitura flutuante (pré-análise) dos dados coletados. Depois, as informações relevantes para o artigo foram separadas por unidades de registros – frases ou parágrafos -em categorias estabelecidas com a finalidade e responder

as questões propostas. Inicialmente, apresentamos no Quadro 1 a identificação das organizações pesquisadas e suas principais atividades educativas.

Quadro 1: Organizações do Terceiro Setor e Atividades Educativas

| Organização                   | Valores  | Público Atendido   | Atividades Educativas   |
|-------------------------------|--|--|---|
| Instituto Bola Pra Frente     | 1) "Ser referência para a sociedade na formação de cidadãos éticos, íntegros e moralmente corretos";<br>2) "Ter um ambiente de trabalho agradável com uma equipe que tem alegria e brilho nos olhos em colaborar com a nossa missão";<br>3) "Proporcionar aos parceiros a satisfação em apoiar a realização dos sonhos das nossas crianças";<br>4) "Ser um dos melhores em esporte educacional". | "Educar crianças, adolescentes, jovens e suas famílias para o protagonismo social, utilizando o esporte como principal ferramenta impulsora da construção de valores em prol da promoção social".  | Programa Cruzamento Perfeito.<br>Tem como eixo norteador, esporte e cultura, que procura de modo diferenciado ajudar resolver problemas de aprendizagem. Uso como ponto de partida os conteúdos escolares. As atividades esportivas visam proporcionar o entretenimento, diversão e qualidade de vida; e o desenvolvimento social e humano.   |
| Obra Social Antonio de Aquino | "Amor ao Próximo; Respeito à diversidade; Trabalho em equipe; Ensino Cristão; Ética e Transparência em todas as ações".  | A Instituição desenvolve atividades de Assistência e Promoção Social, Saúde e Educação, Cultura e Lazer com a finalidade de beneficiar pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade socioeconômica em decorrência de suas condições financeiras restritas. É instituição sem fins lucrativos de filosofia moral cristã espírita | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Prevesti (Pré-vestibular)</li> <li>• Águias do Amanhã (Ações com alunos da Educação Básica no Contraturno)</li> <li>• Creche</li> <li>• BEL- Grupo educativo para mães gestantes (trabalhos manuais/artesanato)</li> <li>• Inglês (Parceria com o CCAA)</li> <li>• Ações educativas na área de saúde (orientações para gestantes; alimentação saudável)</li> </ul> |

\* Fonte: Site de uma organização pesquisada e informações das entrevistas (INSTITUTO BOLA PRA FRENTE, 2016; AVILA, 2016; POSE, 2017)

Primeiramente, apresentamos as conclusões sobre as atividades do Instituto Bola Pra Frente que chamaremos a partir desse ponto de ORG 1. Essa organização estabelece que a matrícula em escola pública é um pré-requisito para participar de suas ações educativas. Este fato nos pareceu um indicativo da interação entre educação formal e a educação não formal. Segundo Trilla (2008), a educação formal, a educação não formal e a educação informal devem ser pensadas de modo compartilhado e não isoladamente, a interação entre essas modalidades potencializa suas ações e podem acontecer de duas formas, segundo o autor: as “interações funcionais”, em que por meio de relações como complementariedade e reforço as modalidades auxiliam umas às outras; “intromissões mútuas”, pois não há um método ou planejamento exclusivo de cada modalidade, possibilitando o uso de estratégias compartilhadas a fim de beneficiar o sujeito envolvido. De acordo com a entrevista da coordenadora, percebemos que as ações da instituição buscam complementar as ações da escola, uma vez que os conteúdos trabalhados na Instituição são oriundos do material didático oficial da instituição escolar, frequentada pelo aluno, possibilitando dessa forma o acompanhando da evolução dos educandos em parceria com as escolas vinculadas a fim de garantir que suas ações gerem impactos no rendimento em sala de aula e na redução da evasão escolar. Segundo a coordenadora:

A partir desse perfil, nós elencamos os conteúdos que estão sendo trabalhados neste ano tendo como base os conteúdos escolares. Então a gente utilizou como referência os materiais e os cadernos escolares da secretaria municipal da educação, da secretaria estadual da educação, a escola da ponte e a escola do corcovado [...] a gente utiliza conteúdo escolar, a gente acaba não reforçando o método que a escola faz o método que a escola utiliza. A gente reforça os conteúdos usando as nossas ferramentas. Então hoje, em termos ações educativas, o que a gente faz é isso. (...). O que a gente quer é fazer através do Cruzamento Perfeito é poder gerar impacto na escola; que o professor e que a criança leve para escola, que a experiência que eles estão tendo positiva com o esporte e a cultura para dentro da sala de aula. (POSE, 2017)

Com a escola, coexistem muitos outros e variados mecanismos e ambientes educacionais. Segundo Trilla (2008), eles “[...] não devem ser vistos necessariamente como opostos ou alternativos à escola, mas como funcionalmente complementares a ela”. Acreditamos que o trabalho desenvolvido pelo Instituto esteja contemplado nesta afirmação do autor. Além de trabalhar com conteúdos escolares numa perspectiva de reforço escolar, os alunos vinculados ao projeto do Instituto recebem formação para o exercício da cidadania,

através de eixos como cultura e esporte articulados com o programa educacional.

Para Trilla (2008), a educação é vista como essencial a toda a sociedade e a escola é apenas uma de suas formas; mesmo assim, nas sociedades escolarizadas, a escola é apenas um momento do processo educacional global. Ainda segundo o pensamento desenvolvido por Trilla (2008), a estrutura educacional impõe limites. A escola não está apta para todo tipo de objetivo educacional. Há, portanto, necessidade de se criar meios e ambientes educacionais complementares àquela que passa a ser denominada de “não formal”.

Nesse sentido, a Instituição em análise desenvolve um trabalho pautado nos princípios da caracterização do campo pedagógico não formal, quando articula e correlaciona os diferentes eixos temáticos, essa estratégia adotada pela Instituição é legitimada pela afirmação do Trilla (2008) quando afirma que a educação não formal engloba diversos âmbitos como: no trabalho (programas de reciclagem profissional, escolas-oficinas); no lazer e na cultura (animação sociocultural, pedagogia do tempo livre, entre outros); na educação social (exemplos: educadores de rua, programas para penitenciários); na própria escola (exemplos: atividades extracurriculares, visitação a museus, a outras instituições culturais). Segundo a coordenadora pedagógica do Instituto, os educadores são capacitados para desenvolver a estratégia de articulação e dos eixos:

A ideia hoje é que o professor, os nossos educadores, sejam profissionais polivalentes, vamos dizer assim. Então, o professor de educação física, ele é capaz de agregar dentro de uma atividade esportiva que ele vai desenvolver, por exemplo, o conteúdo de números e operações. Ele consegue dali, por exemplo, fazer uma gincana matemática, utilizando o próprio campo, o espaço de atividades esportivas da criança. Ele consegue fazer um caça ao tesouro. Isso tudo utilizando linguagem do esporte e também os conteúdos que foram eleitos para serem trabalhados. (POSE, 2017).

É incontestável a importância das atividades desenvolvidas pelas Instituições do Terceiro setor, porém não se pode perder a dimensão que as mesmas devem ser complementares e estarem sempre articuladas e contextualizadas com os demais campos pedagógicos. Trilla (2008) aponta para esse viés quando postula que a educação não formal, apesar de apontar e oferecer outras possibilidades diferentes das escolares, não burocratizadas, menos hierarquizadas, mais rápidas e algumas propostas mais econômicas, não deve tomar para si a salvação do sistema formal de ensino. Nesse caso, estaria contribuindo, inclusive para o desmanche da escola pública e para a desresponsabilização estatal/pública para com esse setor. Assim, reforça-se a reflexão do autor ao



reconhecer o direito à educação pública como sendo prioritário.

Em relação à Obra Social Antonio de Aquino, que chamaremos de ORG 2, ficou evidente na fala da entrevistada a preocupação com o desempenho escolar das crianças e jovens atendidos por eles e do incentivo dos mesmos ao retorno dos estudos aos que abandonaram o espaço escolar por motivos diversos. Em dois projetos percebemos esse olhar da ORG: o Águias do Amanhã e o Prevesti. Primeiramente, vamos destacar o Águias do Amanhã, que é destinado aos alunos matriculados no ensino fundamental da Educação Básica. A entrevistada mencionou a parceria com escolas públicas de uma coordenadoria regional de ensino do município do Rio de Janeiro, localizada na zona norte, para atender crianças e jovens no contra turno nesse projeto, havendo o conhecimento da gestão escolar e referendado pelos responsáveis. Vejamos esse trecho da entrevista:

A gente está sempre mandando zap para saber como estão os alunos e eles passam para gente também. Por exemplo, falamos, estou com uma vaga de manhã, tem alguém que você pode me mandar? Eu já fui a escola, falei com as mães, expliquei como era ... é uma parceria. A gente tem que buscar as redes. A gente foi no posto aqui, aí a gente já se estrutura. Temos um conhecimento com a assistente social de lá. Então, a gente está sempre fazendo esse movimento [...]

Então, há uma parceria, não só da [Escola X], como de outras escolas que a gente já visitou. A gente já conversou com as diretoras, coordenadoras. Ofereceu o nosso espaço para que eles pudessem usar. Saber se tem alguma criança para encaminhar (ÁVILA, 2016)

Dessa forma, percebemos nessa fala o que Gohn (2010, 2011, 2014) e Trilla (2008) dizem sobre as interações entre educação formal com a educação não formal. Há uma ligação no trabalho, as atividades não são isoladas e isso é visto como o aspecto positivo na formação dos jovens envolvidos no projeto. Outro ponto também apresentado pela entrevistada ao falar sobre o referido projeto – que pareceu ser um dos mais relevantes dentro da divisão educacional da ORG 2 – foi mencionado o caráter diferenciado e de complementação realizado pela instituição. A forma com que eles pretendem ajudar a escola não com repetição de atividades e sim com atividades mais lúdicas, conversas e incentivo à leitura. Esse fato reporta as “interações funcionais” faladas por Trilla (2008), em um movimento de complementaridade, longe de ser uma interferência. Vejamos mais um trecho da entrevista:

[...] tanto que é uma das exigências para eles estarem aqui no projeto, é que estejam matriculados na escola. Eles têm que trazer dentro dos documentos a declaração que estão estudando, porque se eles não tiverem, a gente encaminha para o conselho tutelar, ou alguma coisa assim. A

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

[www.ceduce.com.br](http://www.ceduce.com.br)

assistente social entra em contato, porque é importante que eles estejam matriculados na escola e esse projeto visa assim... não é escola, a gente não tem perfil escola. A gente tem o perfil de complemento de atividades. Então, a gente preza muito pela questão do lúdico, da brincadeira e da conversa. A gente passa atividades, assim, muito voltadas para filmes, para debates [...] Mas, assim, a gente tem sempre a preocupação de estar envolvendo eles em atividades diferenciadas (ÁVILA, 2016).

Assim, não foi percebida pelas respostas da entrevistada uma possível relação de paralelismo entre a educação formal e a educação não formal, mencionada por Spósito (2008). Segundo a autora, não se pode perder de vista que essas duas modalidades educativas não devem seguir em duas vias paralelas, sem cruzamento, em que cada uma desenvolve dinâmicas sem qualquer relação com a outra. Também se deve evitar na educação não formal uma repetição de todas as regras e caminhos trilhados, às vezes por lei, da educação formal. Esse paralelismo, de acordo com Spósito (2008) embora acabe sendo comum, não é o melhor caminho para ajudar jovens mais carentes e em situações de risco nas sociedades.

O segundo projeto que destacamos é o Prevesti, pré-vestibular comunitário que funciona de segunda a sábado, com professores voluntários, inclusive a coordenadora. Nessa ação educativa, de forma gratuita, os alunos são preparados para realizar o exame nacional do ensino médio e os vestibulares de universidades como a UERJ, UFRJ e UFF. A entrevistada se refere com admiração aos docentes que nele trabalham:

Todos os professores são voluntários, inclusive a coordenadora e eu tenho uma admiração muito grande por esse grupo, porque eles são muito, muito, muito dedicados. Eu sei que eu acompanho o movimento deles, pelo whatsapp, pelo grupo e é assim um envolvimento, porque são todos voluntários, são professores da rede estadual. Quer dizer, dão aulas fora daqui, tem seus compromissos, mas às vezes, assim, agora mesmo que estava no finalzinho, reta final, de Enem e tal, eles vinham feriado. Tem professor que chega mais cedo para dar uma aula particular para quem está com mais dificuldade. Então, eu tenho assim uma grande admiração por esse grupo pela dedicação e com a seriedade que eles levam o trabalho, porque são todos voluntários. (ÁVILA, 2016).

Assim, foi possível perceber que essa ação educativa parece próxima ao conceito de “interações funcionais” de Trilla (2008), pois esse pré-vestibular visa reforçar conteúdos desenvolvidos no ambiente escolar – ensino médio – para possibilitar o ingresso no ensino superior. Não há um movimento de substituição ou negação da escola e sim de complementar e confirmar informações educativas apreendidas nas escolas. Vale destacar que o Projeto ocorre com a participação de professores – voluntários

– os quais atuam como educadores sociais nesse movimento de integrar processos educativos formais com não formais.

### **Considerações Finais**

Buscamos ao longo do texto destacar que muitas ações educativas realizadas fora dos espaços formais de ensino podem contribuir para a formação humana dos seus participantes e, muitas vezes, reverter o desinteresse de alguns pela escola. Assim, vislumbramos nas duas ONGs pesquisadas, nas suas ações de reforço escolar, o embrião da formação de uma nova cultura política, quanto mais educação, maior a possibilidade de participação política.

### **Referências**

ÁVILA, Elaine Rodrigues. *Práticas Educacionais Não Formais de Instituição do Terceiro Setor*. Rio de Janeiro, 8 nov. 2016. Relatório de Entrevista da Disciplina Prática de Pesquisa do Mestrado e Doutorado na UNESA.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. \_\_\_\_\_. *Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/htm)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

GOHN, Maria da Gloria. *Educação não formal e cultural política*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Educação não formal e o educador social*. São Paulo: Cortez, 5ª ed., 2011ª

\_\_\_\_\_. Educação não formal e o educador social em projetos sociais. In: VERCELLI, Lígia A. (Org.). *Educação Não Formal: Campos de Atuação*. São Paulo: Paco Editora, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos para quê ?*. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e a questão social; crítica ao padrão emergente da intervenção social*. São Paulo: Cortez, 3ª ed. 2005.

POSE, Solange. *Práticas Educacionais Não Formais de Instituição do Terceiro Setor*. Rio de Janeiro, maio de 2017. Relatório de Entrevista da Disciplina Prática de Pesquisa do Mestrado e Doutorado na UNESA.

SPOSITO, Marília Pontes. *Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não formal*. Educação e Realidade.n.33, p.83-98, jul/dez. 2008. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade/](http://www.ufrgs.br/edu_realidade/)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparadas e aplicadas nas áreas de saúde e humanas*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAVIANI, D.; DUARTE. *A formação humana na perspectiva ontológica*. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010, p.422-433. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/02>>. Acesso em: 13 mar. 2018.